



MISSIONÁRIA DA SAGRADA FACE BEATA MARIA PIERINA DE MICHELI

Revista trimestral das Filhas da Imaculada Conceição de Buenos Aires
Autorização do Tribunal de Roma nº 201/2009 de 18/06/2009

ANO XXIX – Nova Série
Via Asinio Pollione, 5 – 00153 ROMA – Tel. 06.5743432



Poste Italiane SpA - Sped. in Abb. Post. D.L. 365/2003 (conv. in L. 27/02/2004, n.º 46) Art. 1 Comma 2 e 3 - Aut. n.º AC/RM/84/2011

Com a aprovação do Vicariato de Roma

Diretor: Nicola Gori

Para solicitar a vida, as imagens da Beata como sinal de graças e favores obtidos por sua intercessão, favor contatar:
Filhas da Imaculada Conceição de Buenos Aires
Via Asinio Pollione, 5 - 00153 Roma
Email: madrepierina@gmail.com

C/C postale 82790007

C/C bancario: IBAN IT 34 F 02008 05012 000004059417
presso UNICREDIT BANCA

Design e layout: Raffaele Gitto - Foggia

Tipografia Ostiense - Roma - Via P. Matteucci, 106/c

Acabado de imprimir no mês de julho de 2023



MISSIONÁRIA DA SAGRADA FACE

BEATA MARIA PIERINA DE MICHELI



154

JULHO/SETEMBRO DE 2023

SUMÁRIO

PORTADORES DE
UMA MENSAGEM DE PAZ

Cardenal Mauro Piacenza

3

ESTÁVEIS SOBRE
A ROCHA DO AMOR DO SENHOR

Padre Luca di Girolamo

7

JESUS PÃO DA VIDA

Padre Luca di Girolamo

10

JESUS ABRE AS PORTAS
DA REDENÇÃO

Padre Luca di Girolamo

13

Chegamos ao XIII aniversário da memória litúrgica da Beata Madre Maria Pierina De Micheli, que ocorre em 11 de setembro, dia de seu nascimento.

Sabemos que a Madre foi elevada às honras dos altares, em 30 de maio de 2010, na Basílica Romana de Santa Maria Maior, pelo Cardeal Angelo Amato, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, em representação de Bento XVI.

Ao longo destes anos, a memória da vida e do carisma da Madre sempre esteve presente no coração e na mente de seus filhos espirituais. Com uma característica especial que deve ser reconhecida: quem entra em contato com a Beata aprende a conhecer e honrar a Sagrada Face de Jesus. Esse é um elemento fundamental e indispensável. Afinal de contas, essa era a missão da Madre: difundir a devoção à Face de Cristo entre os fiéis. Foi exatamente esse zelo que provocou as reações do demônio e lhe causou tantos sofrimentos e adversidades. A Beata pagou com a própria existência por sua fidelidade à vontade de Deus e sua colaboração com a Providência, para que os benefícios da graça da Face de Jesus chegassem ao maior número possível de pessoas. Tornar-se apóstola da Sagrada Face foi para a Madre uma escolha consciente que a tornou um instrumento de misericórdia para o mundo.

Não há dúvida de que, em seu papel de missionária da Face de Cristo, ela se tornou cada vez mais semelhante a Ele e foi capaz de imitar Suas virtudes. Sua existência tornou-se, assim, um hino de louvor à misericórdia divina e um convite para beber das fontes de graça que fluem do Coração trespassado de Jesus.

Certamente, a Madre tinha o dom de envolver outras pessoas na propagação da devoção à Sagrada Face, por meio do escapulário que a Virgem Maria recomendou que ela usasse. Sabemos mais tarde que ela teve permissão para substituí-lo por uma medalha.

Por outro lado, o zelo pela salvação das almas sempre arderia no coração da Beata, como resposta à vontade divina de salvar o maior número possível de almas. A esse respeito, lembremo-nos do que Jesus lhe disse em 27 de maio de 1938: «Consola-me e procura almas que se sacrifiquem comigo pela salvação do mundo».

A Madre sempre respondeu a esse convite com todo o seu ser e nunca falhou em sua promessa de se sacrificar para difundir o Reino de Deus entre as almas. É por isso que devemos ser gratos a ela por nos ter transmitido o amor pela Face de Cristo e, conseqüentemente, por todos os seus benefícios.

A redação



PORTADORES DE UMA MENSAGEM DE PAZ

Publicamos o pronunciamento do Cardeal Mauro Piacenza, presidente de Ajuda à Igreja que Sofre, na apresentação do relatório anual sobre a perseguição dos cristãos, Embaixada da Itália junto à Santa Sé, terça-feira, 22 de junho de 2023.

Meu pronunciamento pretende oferecer, em dois pontos, as «coordenadas essenciais» para poder ler, tanto de um ponto de vista teológico quanto de um ponto de vista de valores e humanitário, o drama da perseguição dos cristãos e suas possíveis consequências.

1. Estrutura martirológica do cristianismo

O primeiro elemento que considero essencial compartilhar diz respeito ao que eu chamaria a «estrutura martirológica» do cristianismo. No decorrer de mais de vinte séculos de história, nunca houve um momento em

que os cristãos, com maior ou menor virulência, não tenham sido perseguidos.

Essa realidade pertence à própria história da fé cristã no mundo. Jesus de Nazaré, historicamente falando, foi um homem perseguido, um homem condenado à morte por causa das próprias ações e



palavras. Sabemos e acreditamos que seu sacrifício foi livre e voluntário, e estamos bem cientes de seu valor salvífico, mas isso não elimina a dimensão martirológica, entendida também, e sobretudo, no significado etimológico do termo *marturya*, que significa testemunho: o de Jesus Cristo é um testemunho, é «O» testemunho supremo de Deus que, por amor aos homens e para salvá-los, «volta-se contra si mesmo». Seria impensável que o «movimento» nascido da Cruz e da Ressurreição de Cristo não trilhasse o mesmo caminho, mesmo na experiência de um testemunho coerente, até

mesmo de perseguição e martírio.

A dificuldade de entender essa dimensão hoje é dupla: cultural e teológica.

Culturalmente falando, a rejeição de todo sofrimento por parte da sociedade contemporânea é o sintoma mais grave do desespero em que ela mergulhou. Diante do mistério da dor, não podemos fazer falcatuas, especialmente se ela nos envolve diretamente. Portanto, ou há razões para enfrentá-la de maneira adulta, forte, «viril», às vezes até heroica (mas não estoica!), ou é necessário distrair-se ou, como diriam os latinos, «divertere», ou seja, «desviar», olhar para o outro lado. Mas isso nunca é permitido e não pode nos deixar tranquilos, nem pessoal nem socialmente. Na proposta cristã à inteligência e à liberdade humanas, Deus é o Único que, também do sofrimento, é autêntico Senhor, tendo escolhido assumi-lo inteiramente sobre Si, fazendo-se homem e oferecendo a própria vida na cruz, em expiação de todo o mal da humanidade.

E Ele, Ressuscitado, continua a viver Sua própria paixão expiatória por meio de todos os membros sofredores de Seu Corpo Místico que é a Igreja e, da maneira que Deus conhece, até mesmo além. Nessa perspectiva, o sofrimento não é mais algo a ser removido a qualquer custo, em uma



“La vostra
resistenza
è martirio,
rugiada
che feconda”

*I volti della
persecuzione
anticristiana,
gli interventi
per non
lasciarli soli*

www.acs-italia.org



A C N

Aiuto alla Chiesa che Soffre - Onlus
dal 1947 con i Cristiani perseguitati

Fondazione di diritto pontificio



tentativa desesperada de afirmar o “Eu contra Deus”, mas se torna uma escola de esperança.

A segunda dificuldade é teológica e diz respeito à interpretação, às vezes parcial, que se faz da figura do próprio Cristo. Jesus não é um... Spartacus, não é um libertador político, um solucionador de problemas sociais ou econômicos.

«O que Jesus, que morreu na cruz, trouxe foi algo totalmente diferente: o encontro com o Senhor de todos os senhores, o encontro com o Deus vivo e, portanto, o encontro com uma esperança que foi mais forte do que os sofrimentos da escravidão e que, portanto, transformou a vida e o mundo a partir de dentro» (Bento XVI, Spe Salvi, 4).

Esta transformação «a partir de dentro» da vida e do mundo, tem sua raiz no mistério da Encarnação do Verbo e seu ponto culminante na Cruz e na Ressurreição de Cristo. Desses eventos, tanto históricos quanto meta-históricos, surge uma nova antropologia que, quer reconhecamos quer não, é a raiz profunda e autêntica, viva e vital daquilo a que hoje chamamos direitos humanos, liberdade e respeito. Rios de tinta foram gastos para demonstrar que os chamados «valores da modernidade» têm raízes cristãs profundas e inegáveis, e o fato de não os reconhecer torna nossa socieda-

de, nas palavras de Charles Péguy, «uma sociedade parasitária», que vive dos valores recebidos sem reconhecer sua origem.

2. Dever de respeitar os direitos humanos e a liberdade religiosa

A liberdade religiosa, como lembrado muitas vezes por São João Paulo II e reafirmado pelo Papa Francisco, é a «mãe de todas as liberdades», uma vez que a liberdade de pensamento e de expressão, a liberdade de expressão e de agregação, a liberdade de consciência e de culto estão com ela relacionadas. E como a liberdade religiosa diz respeito



MISSIONÁRIA DA SAGRADA FACE
BEATA MARIA PIERINA DE MICHELI

154

JULHO/SETEMBRO DE 2023

5

à esfera do significado, ao horizonte último da existência, ao movimento da razão humana que busca responder às questões fundamentais do eu, então ela deve ser considerada ainda mais fundamental do que as outras liberdades, embora indispensáveis. Quando a liberdade religiosa é compreendida e garantida, todas as outras liberdades também são garantidas.

Portanto, o trabalho de A.I.S., é, antes de tudo, um trabalho de apoio às condições concretas dos cristãos que vivem em territórios ou situações de

sofrimento. Onde a liberdade religiosa não é garantida, e até mesmo a liberdade de culto é posta em questão, é necessário apoiar, também economicamente, projetos de formação e educação, trabalho e desenvolvimento, formação do clero e dos diferentes níveis de proclamação do Evangelho, para permitir um desenvolvimento ordenado da comunidade cristã e, graças à sua contribuição, ajudar as culturas e os territórios onde ela vive.

Esse apoio é indispensável para corroborar a legítima reivindicação do direito de existir e, com ele, de todos os outros direitos.

Apoiar, portanto, a vida concreta dos cristãos, especialmente em áreas onde ela é contínua e constantemente ameaçada, é um serviço não apenas aos próprios cristãos, mas a toda a humanidade. De fato, eles são portadores de uma mensagem de paz, assim como o Crucificado é portador de uma mensagem de paz. Essa paz, tão gravemente ameaçada hoje e incansavelmente invocada pelo Papa Francisco, é – não nos esqueçamos! – a condição prévia necessária para o desenvolvimento humano e o progresso saudável.



ESTÁVEIS SOBRE A ROCHA DO AMOR DO SENHOR

Publicamos a homilia proferida pelo Padre Luca di Girolamo, dos Servos de Maria, na segunda-feira, 26 de junho de 2023, na capela do Instituto do Espírito Santo, em Roma.



Estar estáveis sobre a rocha do amor do Senhor significa construir nossa existência sobre Cristo, a pedra viva. Ele é a verdadeira rocha que dá sentido à vida do homem e a torna real. Conscientes da necessidade dessa construção, com nossas palavras/ações, pedimos perdão ao Senhor por colocarmos nossos corações e mentes em realidades que não satisfazem nem respondem às nossas necessidades.

A vocação de Abraão marca subitamente uma nova página de história que interrompe uma vicissitude de pecado, dispersão e morte que nasce no capítulo III e vai até o capítulo XI: começa com a queda de Adão e Eva, passa pela morte de Abel e depois por outras vinganças até chegar à soberba do orgulho humano representado pela Torre de Babel. Com Abraão, realmente temos um construtor sobre a rocha, representado pela Palavra de Deus. Com Abraão, temos

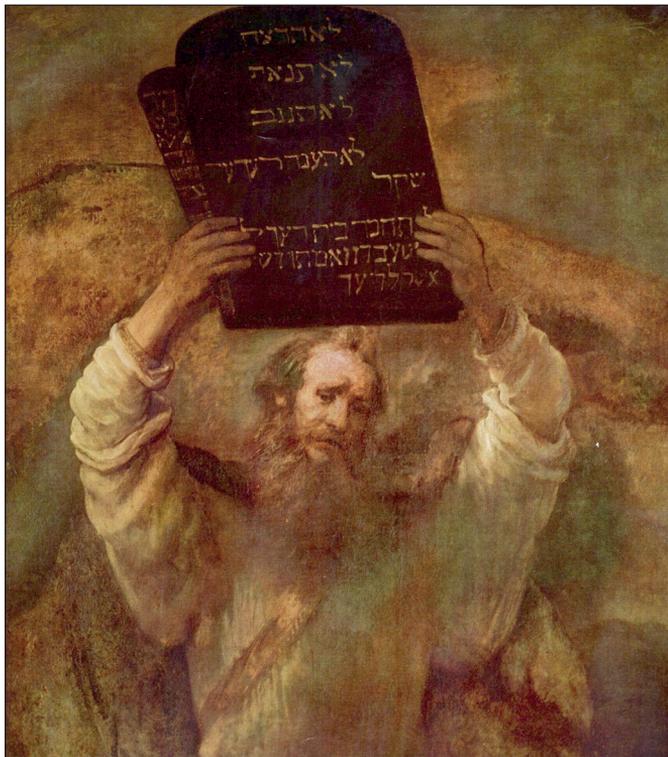


realmente um construtor sobre a rocha, como será no NT, a Mãe de Deus, Maria.

Tudo isso é sinônimo de fé, entendida precisamente como adesão ao plano que o Senhor estabeleceu para nossa realização e salvação.

Assim, entendemos como a Sua Palavra deva ser ouvida e a escuta origina o nosso bem, porque, na história de Abraão, é a descendência, o numeroso povo que é chamado a tornar conhecido o amor que Deus tem pelas nações e, com isso, a própria natureza de Deus, que é amor, misericórdia e perdão.

Infelizmente, o povo – com o passar do tempo



- torna-se culpado dessa predileção por parte de Deus, esquecendo-se também do motivo e do propósito dessa eleição, ou seja, tornar conhecido o verdadeiro Deus-Amor e fazer com que todos os povos distantes se convertam a Ele. Esse fenômeno pecaminoso se manifesta principalmente nas relações interpessoais. A Lei, dada a Moisés para a libertação e a salvação, havia se encaminhado pelas sendas do legalismo, de modo que, uma vez que o Senhor Jesus entrou no mundo, Ele pôs a nu toda a sua hipocrisia. Algo semelhante, infelizmente, também aconteceu com a Igreja de outrora... Hipocrisia/Hipócrita: essa é uma forte acusação que Jesus dirige aos doutores da lei, mas também aos discípulos que o seguem. Hipócrita é aquele que vê de forma parcial, mas ao mesmo tempo acha que está certo e vale mais do que os outros.



Assim, entendemos como a desproporção entre o cisco e a trave é particularmente eficaz. A representação – entre outras coisas – também entrou em nossa maneira de apontar como o julgamento do outro não deve ser precipitado. O binômio cisco-trave é, portanto, um chamamento para cada um de nós, não tanto para sermos generosos e perdoar, mas para refletirmos cuidadosamente sobre nossas ações/palavras e seu grau de positividade. Somente removendo aquilo que turva, que não nos faz ver bem, poderemos dizer o que pensamos e corrigir a atitude do outro. Dessa forma poderemos dizer que fizemos algo justo e proveitoso para nós mesmos e para os outros, na medida em que estamos unidos por um único processo de purificação real.



JESUS PÃO DA VIDA

Publicamos a homilia proferida pelo Padre Luca di Girolamo, dos Servos de Maria, na quarta-feira, 26 de abril de 2023, na capela do Instituto do Espírito Santo, em Roma.

Muitas vezes, em nossas orações, especialmente aquelas contidas no rito da Santa Missa, falamos da herança eterna. Ela se identifica com o Reino e com a vida sem fim que o Senhor nos concedeu com sua Páscoa. Todos nós desfrutamos, nesse período de 50 dias que antecede o Pentecostes, do evento da Ressurreição.

Esse evento nos libertou e essa ação de graças continua quando pedimos e obtemos o perdão dos pecados. Renovamos esse pedido de perdão no início de nossa S. Missa em honra e memória de Madre Pierina.

O longo discurso que Jesus faz no capítulo 6 do Evangelho de João é parte de um sinal particular que Jesus realiza apesar do fato de seus discípulos não verem uma saída para resolver um problema específico: muitas pessoas vieram para ouvir Jesus, mas precisam se alimentar: elas têm muito pouco pão que não é suficiente. O apóstolo Filipe – que vemos continuando a ação de Jesus na Primeira Leitura – faz presente isso a Jesus que, em resposta, o convida a dar o pouco que tem, mas inesperadamente esse pão é suficiente para todos,





até sobra. Jesus realizou um sinal: o da multiplicação dos pães que, em João – assim como todos os outros eventos singulares realizados por Jesus – são sinais de seu poder.

Entretanto, como todo sinal, essa multiplicação também não permanece isolada e sem uma palavra de comentário de Jesus. Isso aparece em todos os evangelistas: quando há uma cura, Jesus costuma dizer ao homem ou à mulher beneficiada frases como «sua fé o salvou», ou diante de um pecador libertado de sua culpa encontramos «vá e de agora em diante não peque mais».

Aqui o discurso é mais complexo e todo o capítulo 6 é um grande ensinamento que gradualmente termina na Eucaristia. Lembremos que João nos apresenta a Última Ceia, mas limitada ao lava-pés e não refere a narração que encontramos em Marcos, Mateus e Lucas e em São Paulo, no qual temos a Instituição da Eucaristia com as palavras que ouvimos repetidas hoje: «Tomai e comei – Tomai e bebei».

Contudo, embora não tenhamos essa narração, Jesus, no relato de João, nos explica os efeitos desse sacramento, e quais são eles? Certamente temos a promessa de vida eterna, mas há dois outros aspectos importantes a serem enfatizados: a unidade da pessoa humana e a inclusão em um círculo virtuoso representado pela Santíssima Trindade.

Esses dois aspectos nos levam à reafirmação da vida eterna. Vejamos do que se trata.

A unidade da pessoa humana: Jesus se qualifica como o pão da vida e associa o pão à fome e a fé à sede. Na continuação da história, encontra-se também o elemento vinho/sangue. Crer, acolher todas as riquezas que o Senhor nos oferece por meio do pão e do vinho é para nós um evento que nos restaura fisicamente e nos infunde uma força espiritual única, e isso inclusive nos casos em que as pessoas com muita fé se alimentem unicamente da Eucaristia.

Também podemos



ver e afirmar isso a partir de nossa humanidade: quando estamos doentes, estamos basicamente tristes e essa tristeza – mesmo em pessoas de grande fé – é uma sensação que diz respeito à nossa psique e, não menos importante, não temos muita vontade de comer e isso debilita nossas forças. Corpo, fisicalidade e dimensão da alma não podem ser separados.

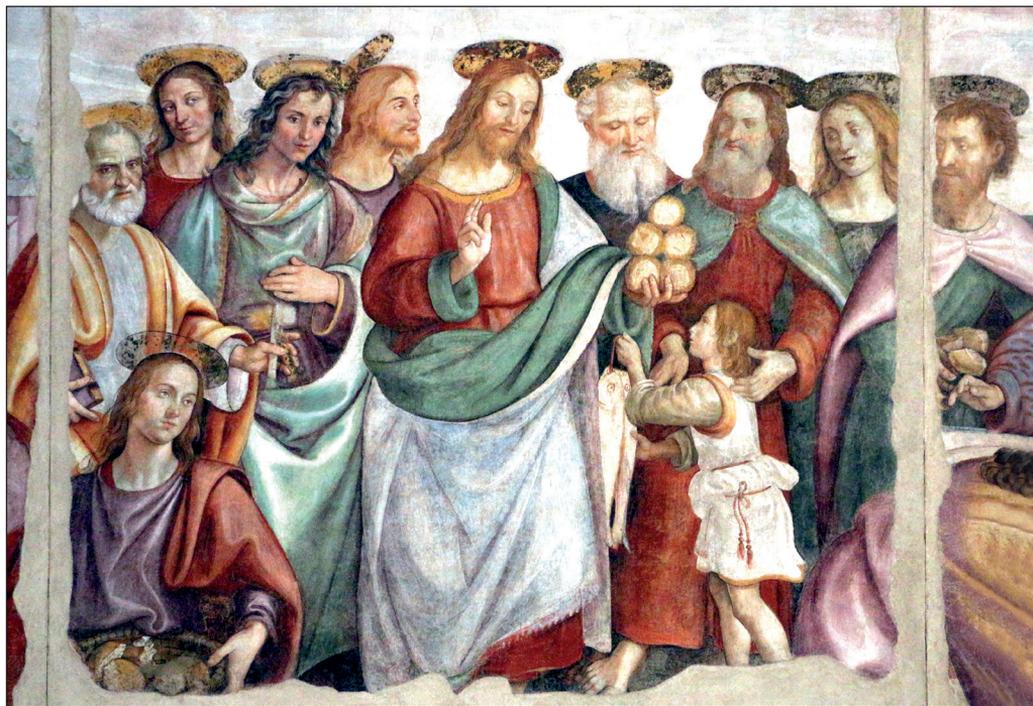
Mas essa unidade está vinculada, está ligada ao outro aspecto que o texto nos propõe.

Estar inseridos em um círculo virtuoso: comer/

crer nutre toda a pessoa, mas esse fortalecimento tem um efeito especial. Jesus veio e envolveu todo o gênero humano com a sua Encarnação, oferecendo-se como alimento na Eucaristia, e assim estamos inseridos naquela corrente de amor e doação recíproca – representada pelo Espírito Santo – que existe entre o Pai e o Filho, e isso nada mais é do que uma extensão daquela inserção em Cristo e na Igreja que alcançamos por meio do Batismo. A Eucaristia, portanto, representa o seu cumprimento que se realiza agora, ao comer/mos (e evidentemente agir/mos de acordo com o que acreditamos), já estamos orientados para a vida eterna, e Cristo nos garante aquela ressurreição que sobre Ele atuaram o Pai e o Espírito.

Eis, então, a grandeza de nossa vocação, que deriva precisamente do fato de que «Maravilhosas são Suas obras», como rezamos no Salmo Responsorial.

Peçamos então ao Senhor, confiando-nos à intercessão de Madre Pierina – que viveu no Espírito e na Eucaristia – que nos mantenha nesse estado de graça! É exatamente essa graça que nos faz crescer como pessoas e como cristãos.



JESUS ABRE AS PORTAS DA REDENÇÃO

Publicamos a homilia proferida pelo Padre Luca di Girolamo, dos Servos de Maria, no domingo I da Quaresma, 26 de fevereiro de 2023, na capela do Instituto do Espírito Santo, em Roma.

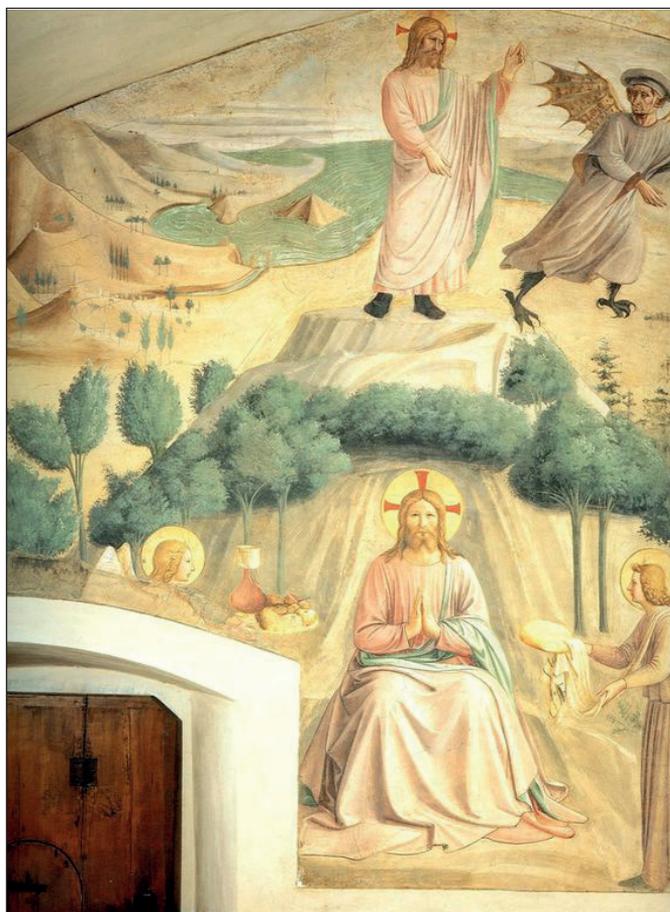
A fragilidade de nossa natureza – que é realçada durante a Quaresma para uma atitude específica de conversão – é assumida pelo Senhor no momento de sua Encarnação, mas esse processo ocorre paralelamente à nossa inserção batismal em seu Mistério salvífico, o que nos facilita no itinerário da conversão.

Deixemo-nos, então, aspergir pela água que, fortalecida pelo

Espírito Santo, nos coloca nas melhores condições para receber a Palavra, o Corpo e o Sangue do Senhor.

A primeira imagem que nos é apresentada no caminho dominical da Quaresma é a das tentações. É uma prova difícil para Jesus, que chega a ela, embora impulsionado pelo Espírito, na plenitude de sua humanidade. Embora compartilhe a divindade com o Pai, ele está ligado a uma dimensão humana que o leva a sentir fome. Ele jejua por 40 dias em um lugar inóspito – como é o deserto – e mostra uma necessidade totalmente normal: quando uma pessoa jejua, não há nada a fazer, ela está com fome!!!

Diante de nós, portanto, o homem Jesus se apresenta à prova, em toda a sua singularidade como homem. A fraqueza se faz sentir, o próprio Jesus a experimenta, mas, ao mesmo tempo, a supera. Tudo o que é escuridão e ambiguidade é superado por esse homem que tem consciência de sua missão e não pode, nem quer se desviar dela. O único projeto



que lhe foi dado pelo Pai é a salvação, e é isso que deve vir em primeiro lugar.

Sabemos tudo sobre esse episódio: a dinâmica com as três tentações que têm significados precisos, mas não são as únicas.

Mas vamos nos deter por um momento no significado da tentação e em como ela ocorre: é um teste no qual somos colocados na situação de reafirmar nossa confiança em Deus. Mas ela sempre tem um esquema, o tentador (mas também a ocasião que se apresenta a nós) parte de um ponto: «Se você é um homem de verdade, faça isso e isso...». E em Jesus isso é mais forte: «Se você é o Filho de Deus...». E isso adquire um significado muito forte se percebermos que essa cena de tentação segue imediatamente o Batismo do Senhor, onde a voz do alto é ouvida: «Este é o meu Filho, o Escolhido, ouçam-no». Não é apenas o antigo Adversário narrado na primeira Leitura, o tentador que procura distrair Jesus de sua tarefa, mas o que é surpreendente é que, ao percorrer as páginas do Novo Testamento, até mesmo aqueles mais próximos a ele, até mesmo seus amigos, propõem ou sugerem a Jesus que pode haver maneiras mais fáceis de escapar, mas Jesus as rejeita completamente porque são fruto de uma mentalidade



mundana e porque é necessário passar pela porta estreita.

Pedro, por exemplo, é o entusiasta que se torna Satanás, um obstáculo para os planos de Deus, quando ouve falar sobre o destino do Mestre. Maria e José se tornam a voz da angústia, à qual Jesus responde que deve ocupar-se das coisas do Pai. Alguns discípulos, pela boca novamente de Pedro – veremos isso no próximo domingo – querem parar o tempo fazendo três cabanas no Monte da Transfiguração, não respeitando, ao contrário, o difícil caminho que leva à verdadeira glória capaz de incluir também o momento e a Hora das Trevas.

Por enquanto, porém, ficamos com Jesus nessa página em que Ele está no deserto. Uma página bem ordenada (com o esquematismo composicional típico de Mateus) que, começando com a vitória de Cristo, deve nos lembrar como toda a Sua e a nossa existência são momentos de provação a serem superados e a falharem o menos possível.

O fato de começarmos com um fracasso – que nos é descrito na primeira leitura em três palavras: «Vocês serão como Deus» – essa queda, eu estava dizendo, não deve nos levar ao desânimo. O próprio Jesus – diz-nos Paulo com seu paralelismo – abre as portas à redenção, que nos traz esperança. A recuperação concretizada por Cristo está aqui e isso é enfatizado por Paulo quando diz que o primeiro Adão é uma figura do futuro.

No entanto, impulsionado pelo Espírito, por enquanto Jesus está no deserto e, mesmo com sua humanidade, vence a

idolatria da fome material. Paulo, aliás, em sua carta aos filipenses, lembra-nos de que há alguns que têm como Deus o seu ventre e, portanto, caminham para a ruína.

Pelo contrário, Jesus se refere a outro tipo de fome: não a fome físico-humana, mas a fome relacionada com a Palavra de Deus. Como um homem faminto, Jesus é capaz de direcionar seu olhar para além do humano.

O mesmo acontece nas outras duas propostas: um milagre barato e espetacular é contrastado com o respeito pela vontade de Deus. Um NÃO, portanto, ao prestígio fácil, bem como – na última proposta de sedução – ao poder que gera e se solda com a avidez.



Aqui, de fato, o tentador faz uma tentativa inútil, porque o próprio Jesus é o rei do universo e não precisa dos reinos deste mundo.

Por isso, o centro de nossos pensamentos não deve ser o domínio do mundo, mas a preocupação principal – e que Jesus lembrará em sua missão – de que nossos nomes sejam escritos nos céus.

Tendo completado sua tarefa e falhado completamente, o demônio afasta-se e desaparece: permanece Jesus que, humanamente, ainda está com fome, mas é consolado pelos anjos para nos lembrar que Ele é o verdadeiro homem que, no entanto, compartilha uma segunda natureza divina, luminosa e transcendente que se manifestará na Transfiguração, no próximo domingo.



